



Complete a Parceria
Sua marca licenciada na Fator Brasil

himídia

A FATOR ANUNCIE RSS CONTATO BOLETIM TV FATOR BRASIL LINKS

Busca: OK

CANAIS

- AGENDA
- AGRONEGÓCIOS
- ARTIGOS
- AUTOS
- AVIAÇÃO
- BANCOS
- CARNAVAL
- COMBUSTÍVEIS
- COMÉRCIO EXTERIOR
- CULTURA & LAZER
- DIREITO & JUSTIÇA
- DUTOS
- EDUCAÇÃO
- EMPRESAS & NEGÓCIOS
- ENERGIA
- ENOGASTRONOMIA
- ESPORTE BUSINESS
- FARMACOLOGIA
- FATOR PÚBLICO
- GÁS
- INDÚSTRIA NAVAL
- INTERNACIONAL
- INVESTIMENTOS & ÍNDICES
- LIVROS
- LOGÍSTICA

LIVROS

20/03/2008 - 10:57

Paulo Egydio Martins faz palestra no rio para o lançamento de seu livro de memórias publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O depoimento do empresário e político Paulo Egydio Martins – ministro e governador de São Paulo durante o regime militar – reunido no livro Paulo Egydio conta, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e FGV, é um importante documento sobre esse período conturbado da história recente do Brasil. Ele fará palestra e participará de uma sessão de autógrafos no dia 28 de março, a partir das 17h30, na Fundação Getúlio Vargas (Rua da Candelária, nº 6 – Rio de Janeiro).

Paulo Egydio conta Depoimento ao CPDOC-FGV | Org. Verena Alberti, Ignez Cordeiro de Farias e Dora Rocha | Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e FGV | 584 páginas | R\$ 60,00

Para marcar o lançamento de Paulo Egydio conta no Rio de Janeiro, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e a Fundação Getúlio Vargas promovem palestra do ex-governador de São Paulo (1975-1979) e sessão de autógrafos na sexta-feira, dia 28 de março, a partir das 17h30, na FGV (Rua da Candelária, nº 06). Resultado de 45 horas de depoimentos concedidos ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV, o livro traça a trajetória pessoal e política de Paulo Egydio Martins. A organização é de Verena Alberti, Ignez Cordeiro de Farias e Dora Rocha.

Um dos principais focos de interesse do livro é a atuação política de Paulo Egydio entre 1963 e o fim do mandato presidencial de Ernesto Geisel (1974-1979) e sua visão crítica acerca do período. "Creio que o livro é um documento importante para a compreensão da história recente do Brasil. É a minha verdade, não a verdade absoluta; é a minha visão dos fatos", afirma. Ele trata ainda de temas como sua formação e família, a entrada no movimento estudantil, sua fase de conspirador, o início na política, sua atuação no Ministério da Indústria e Comércio e no Governo do Estado, os problemas da ditadura e da política e também a volta à iniciativa privada.

Google™

Pesquisar

Anúncios Google

Livro
 Livros Sobre Qualquer Assunto, Por Temas ou Palavras-Chave.
books.google.com.br

MARINHA MERCANTE**MARKETING****MEIO AMBIENTE****MODA & BELEZA****NÁUTICA & PESCA****PAPEL & CELULOSE****PERFIL****PET SHOP****PETROQUÍMICA****PETRÓLEO****PORTOS & TERMINAIS****PRÊMIOS & HOMENAGENS****RESPONSABILIDADE SOCIAL****SAÚDE****SEGUROS****SIDERURGIA & MINERAÇÃO****TECNOLOGIA & INOVAÇÃO****TURISMO DE NEGÓCIOS**

O livro - Nascido em 1928, Paulo Egydio Martins foi influenciado pelas idéias positivistas do avô paterno e recebeu formação católica da mãe. Descobriu a política enquanto frequentava a Escola de Engenharia da Universidade do Brasil, onde ingressou no fim dos anos 1940. Foi presidente da UME e diretor da UNE. Antes de terminar a faculdade começou a trabalhar como estagiário na Byington & Companhia, onde logo deu seus primeiros passos como empresário.

Tomou parte do golpe militar de 1964 como empresário. "Nosso objetivo era evitar o golpe da república sindicalista. Agora, nós não estávamos preparados para o que veio depois. Aí eu tenho que reconhecer que nós, civis, fomos completamente ingênuos. Não tínhamos noção de que havia grupos dentro do exército que já planejavam manter o domínio do país, num regime militar, por mais tempo".

A clássica divisão que havia no Exército entre a ala moderada e a linha-dura permeia boa parte do depoimento. Alinhado com os militares moderados, como Castello Branco e Ernesto Geisel, Paulo Egydio foi ministro da Indústria e Comércio do primeiro e foi indicado pelo segundo para ser governador de São Paulo. Coerente com seus princípios éticos, participou do regime militar com o propósito de trabalhar pelo restabelecimento da democracia no país.

A entrevista apresenta suas realizações nos períodos do ministério e do governo, mostrando também os bastidores das relações com políticos, militares e empresários, além de descrições de personagens e situações que ajudam a compreender cenários políticos e visões de mundo.

Durante seu governo aconteceram, no DOI-Codi, as mortes de Vladimir Herzog e Manuel Fiel Filho, que levaram à exoneração do comandante do II Exército, general Ednardo D'Ávila Melo – um dos expoentes do grupo linha-dura –, com o qual Paulo Egydio nunca tivera boas relações. "E não tinha como me entender com aquele homem. Cheguei a ter ódio pessoal dele, pela irresponsabilidade criminosa a que eu estava assistindo".

Outro episódio marcante de seu governo foi a invasão da PUC, em 1977, onde se realizava um congresso clandestino da UNE. Considerando a UNE uma ameaça à segurança nacional, posição não compartilhada por Paulo Egydio, o presidente Geisel determinou a proibição de qualquer reunião da entidade. O governador não impediu a realização do congresso e só determinou a invasão da PUC quando os estudantes saíram à rua. "Enfrentei uma determinação do presidente da República para tentar manter a conciliação. Fiz isso durante oito horas, até que os estudantes conseguiram alcançar o que queriam. Quando eles viram que eu não intervinha, foram para a rua, que era um recinto público, me obrigando a intervir".

Em 1975, antes mesmo de tomar posse como governador, Paulo Egydio deu posse a Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. "[Fiz isso] por duas razões: primeiro, porque, como empresário, eu tinha vivido a época do nelequismo. E era uma vergonha ver como os sindicatos eram subornáveis, fracos, como

SEGUROS**SIDERURGIA & MINERAÇÃO****TECNOLOGIA & INOVAÇÃO****TURISMO DE NEGÓCIOS**

A entrevista apresenta suas realizações nos períodos do ministério e do governo, mostrando também os bastidores das relações com políticos, militares e empresários, além de descrições de personagens e situações que ajudam a compreender cenários políticos e visões de mundo.

Durante seu governo aconteceram, no DOI-Codi, as mortes de Vladimir Herzog e Manuel Fiel Filho, que levaram à exoneração do comandante do II Exército, general Ednardo D'Ávila Melo – um dos expoentes do grupo linha-dura –, com o qual Paulo Egydio nunca tivera boas relações. "E não tinha como me entender com aquele homem. Cheguei a ter ódio pessoal dele, pela irresponsabilidade criminoso a que eu estava assistindo".

Outro episódio marcante de seu governo foi a invasão da PUC, em 1977, onde se realizava um congresso clandestino da UNE. Considerando a UNE uma ameaça à segurança nacional, posição não compartilhada por Paulo Egydio, o presidente Geisel determinou a proibição de qualquer reunião da entidade. O governador não impediu a realização do congresso e só determinou a invasão da PUC quando os estudantes saíram à rua. "Enfrentei uma determinação do presidente da República para tentar manter a conciliação. Fiz isso durante oito horas, até que os estudantes conseguiram alcançar o que queriam. Quando eles viram que eu não intervinha, foram para a rua, que era um recinto público, me obrigando a intervir".

Em 1975, antes mesmo de tomar posse como governador, Paulo Egydio deu posse a Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. "[Fiz isso] por duas razões: primeiro, porque, como empresário, eu tinha vivido a época do peleguismo, e era uma vergonha ver como os sindicatos eram subornáveis, fracos, como qualquer greve era comprada. Eu tinha um verdadeiro asco disso e admirei a figura do Lula, que se apresentava como um sindicalista totalmente contrário ao peleguismo getuliano. Houve outro detalhe que me influenciou na época: ele derrotou a corrente do velho PCB, representada pelo Paulo Vidal."

A maior crítica de Paulo Egydio ao regime militar diz respeito ao totalitarismo e à tortura. Ele completa sua avaliação afirmando que "houve uma visão medíocre na maioria dos governos militares sobre os problemas brasileiros. Não foram fundo, como já era público e notório que se deveria ir, numa série de problemas. [...] O governo Castelo Branco, sem dúvida, fez grandes reformas: a criação do Banco Central, do BNH e várias outras. Mas nós sabíamos que era preciso muito mais. Pretendeu-se fazer uma mudança política. O que foi que se fez? Criou-se o bipartidarismo, Aquilo foi uma coisa absolutamente ridícula, que não mudou, não mexeu em nada".

Enviar Imprimir